

Os resistentes no bloqueio

Os resistentes no bloqueio
Contam inaudíveis histórias
Com palavras de deserto. E
Armam espingardas de vento
Com palavras mortíferas,
Dessas que combinam temas
De amor e o alento com o cansaço
Poliglota das manhãs prisioneiras.
Rajadas roxas soam então
E a estupidez do mundo cai
Sem saber que a sua morte
Nada tem de violenta pois
Nasceu condenada a morrer
Rasgada pelos risos dos poemas

Os olhos secos dentro das ondas

A primeira vez que eu morri não teve importância. Quase nem dei por isso, foi uma surpresa. Depois habituei-me e criei um desses redutos de pedra que os rios agem no seu caudal. Um recanto duro onde era possível morrer muitas vezes sem me desgastar. Morri de tristeza, creio, nessa primeira vez. E é nessas coisas nunca contadas que preciso partilhar-me.

Estava eu a chegar aos 30 anos e não sabia a minha idade; e nunca tinha visto o mar. Também julgava que não existiam homens simples. Debaixo deste lençol do céu, com que um deus inacreditável e caprichoso nos cobriu, há raros seres humanos capazes da simplicidade ou mesmo dignos da simplificação da existência. Eu não conhecia nenhum assim.

Para alguns, a lua é bela. Há poetas que lhe deitam versos dentro. A lua que via por vezes pela janelinha curta do quarto era macabra e fazia-me arrepios na nuca, um cavalo ferido incapaz de correr pelo céu.

Pensando bem, no ano em que descobri que tinha quase trinta anos, eu ainda não tinha nascido. Era muito infeliz, mas tinha a graça de ignorar que era assim. Talvez porque houvesse tão pouco tempo a mediar entre a rapidez das noites e a exigência do resto das horas. No calafrio das noites, mesmo assim, eu encontrava alguma serenidade.

Era o medo que nos acordava todos os dias. O Sol vinha muito depois, já tínhamos preparado a mesa para os senhores, mais os banhos dos meninos, a roupa saía da corda enxuta pelo vento e pelo luar e as unhas já tinham sido arrancadas das mãos, pois as unhas eram a nossa sina nas pontas dos dedos em chama, a potassa não as conservava, a lixívia era dura, o sabão azul e branco que nos diziam ser a salvação da brancura, levava-nos pele e as unhas – que estavam na ponta dos dedos como mais um esquecimento sofrido no desacato dos dias. Era muito mais fácil manter a alma do que a carne, pois a primeira era uma irmã desavinda e ignorante, contra a segunda que nos doía e se perdia a cada respirar.

As dores nos ossos passavam-nos, esquecidas no ritmo do dia a crescer como uma raiva escondida no ranger silencioso dos dentes. Eu era suficientemente jovem para vencê-las, às dores. Tão jovem que nem devia conhecê-las. E a exigência quotidiana só dava forças para cumprir o hábito de continuar. Desconhecia então o desespero, a revolta ou a insubmissão, não sendo ao mesmo tempo conformada, pacata e submissa – mas simplesmente pura e ingénua, que é a forma dupla de dizer ignorante. A vida era o que era, não tinha reverso e essa constatação dava uma espécie de conforto.

De nós as três, só as mais novas chamavam madrinha à senhora. De nós as três, era a velha a última a levantar-se, como se exercesse um direito adquirido pela falsidade do tempo. Saía da cama também de madrugada mas quase meia hora depois de nós. Vestia-se à pressa e passava os cabelos e a cara na tina de esmalte com longos pés rombos de ferro, que enchia, ali mesmo no quarto, com o jarro que lhe preparávamos e a água fria racionada. A velha chamava senhora à madrinha. E sentiam-se ambas mais fortes por isso.

A madrinha achava que podíamos bem passar sem esses luxos de água muita ou morna, gente como nós não tinha o direito a luxo, fosse lá isso o que fosse.

Tínhamos um banho aos domingos, por ser dia de missa. A senhora era muito católica, o que incluía parir um filho em cada ano, ter uma cómoda com santos, relicários e lamparinas, dar esmolas aos pobres na quaresma e no

Natal, sabendo-lhes os nomes e as manhas, rezar aos domingos e apresentar criadas lavadas na última fila da igreja, aprumadas e presentes estivéssemos ou não de saúde. A sua religião via com bons olhos que ensinasse os carentes e desvalidos à força de pancada, desde que invocasse o santo nome protetor ou que pedisse em confissão que não lhe faltassem as forças para cumprir tão piedosa e dura tarefa. Muitas vezes a ouvi recitar o pai-nosso, enquanto nos chibatava com fervor:

- Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu.

Antes dos 30 tive três madrinhas dessas. A primeira morreu; a segunda ofereceu-me à terceira. Agora, aqui de onde as vejo, parecem-me todas iguais. Mataram-me lentamente, matei-as depois para nos apaziguarmos. E em cada vez que morria a minha felicidade interrogava-se como o corpo flexível de um choupo vergado ao vento.

Aprendi assim a desacreditar.

[Fragmento do inédito]

NOTA BIOGRÁFICA

Natural de Lisboa, Alexandre Honrado é escritor, jornalista, professor (ensino superior) e investigador (coordena o Centro de Estudos Nelson Mandela e Investigador Principal do Centro de Pesquisa e Estudos Sociais), sendo igualmente membro do CLEPUL. É também videoasta. É autor de uma centena de livros, alguns premiados e traduzidos (de Espanha à Coreia do Sul e à Colômbia, por exemplo), sendo grande parte da sua obra destinada à infância e juventude. O seu livro *Palhincócegas* foi considerado um dos melhores livros do mundo para crianças, por um conjunto de críticos reunido na Biblioteca Nacional de Paris. Tem escrito, encenado, produzido e realizado assiduamente teatro, rádio, televisão e cinema. Escreve regularmente para revistas universitárias, em especial sobre temas de História, Ciência das Religiões e Ciências da Cultura.